



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SO'PERACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli  
Percere verzonis, dicere de vitiis.*  
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarê nesta folha as regras boas  
Que he dos vícios fallar, não das pessoas.

## A Philosophia.

Eu morro: tudo me annuncia este proximo, e inevitavel termo. Para qual quer parte, que volva os olhos, não descubro mais, que documentos da morte. Eu não teria nem ao menos encarado a imagem da Philosophia, se me assustasse, ou intimidasse com esta lembrança. Eu considero a morte, como hum dos dons mais preciosos da Natureza. Ella he hum meio, de que a mesma Natureza se serve para a continua successão dos individuos, ficando sempre indestructivel a sua especie: he humia lei universal; e murmurar della seria oppor-se ás disposições eternas do Agenciador da mesma Natureza. Eu morro: eisaqui por outro lado humia certeza, humia evidencia amarga; por que sentindo-me nascido, como todos os outros individuos da especie humana, com humia irresistivel tendencia para saber, e conhecer; nenhum estudo, nenhuma applicação, nenhuma observação me tem salvado da ignorancia, e morro ignorante. A Natureza tudo revela, e nada explica: eu tenho

observado, e consultado em-livros dos maiores Philosophos; eu não encontro se não enigmas impenetraveis á razão humana, e contido nos limites desta mesma razão, não palpei mais, do que sombras, que quanto mais se procurão romper, mais se condemnão. O primeiro objecto, que toca ao espirito do homem pensador, he este quadro augusto do Universo. Quer ao clarão da Philosophia descontinuar sua origem, conhecer sua essencia, e na mesmo instante se desengana, que he impossivel penetrar este abysmo só com luzes da razão. Com ella não se conhece a origem da materia: observa-se na mesma materia humia qualidade inherente, que he o movimento, e só com a razão não se pode, nem poderá jamais conhecer a causa, e a origem do movimento. Perdi humia grande parte da minha vida na indagação destes dous enigmas pelo estudo dos escriptos dos antigos: nenhum dos systemas dos Philosophos me foi desconhecido; porque nenhum dells deixa de ser exposto nos livros de Bruker. Não encon-



trei mais, do que duvidas, fluctuações, miseraveis, e lastimosos enganados. Li os Modernos: pôde, por ex., Descartes, ou Newton dizer como as cousas se fazem. As minhas conclusões fóra sempre estas — Tudo se ignora: nós não sabemos em Philosophia natural, nós não sabemos em Methaphisica, se não aquillo, que a Revelação nos quiz dizer; mas os Mystérios da Revelação são para se acreditarem, e não para se discutirem. Não há huma só opinião dos Philosophos, que se não possa considerar huma verdadeira loucura; basta ler com alguma attenção a historia destas minhas opiniões em todos os que escreverão ou vidas dos Philosophos, ou Historia da Philosophia: eu não limito esta proposição aos antigos, estendendo-a aos modernos: atracção, e turbilhões são do mesmo caracter, que qualidades occultas. He preciso pois, que eu distinga sempre estes dous termos: homem da Natureza, e homem da Revelação. No estado de conhecimentos naturaes, ou philosophicos tudo he ignorancia, bem como no estado de conhecimentos revelados tudo he sciencia, e demonstração; por que o espirito acredita, pára, e não discute. Eu não me contemplo neste estado, contemplo-me como puro Philosopho, e vejo, que como tal, tudo se ignora. Isto não he o partido do *Scepticismo*; por que huma vez que apparecesse a evidencia, eu cederia, e o achado d'huma verdadeira seria hum triumpho, mas eu morro ignorante, como todos.

E o que há demonstrado nas Sciencias Naturaes? Há huma guerra interminavel de Systemas: combatem-se, e destroem-se mutuamente, e todos parão nas mesmas barreiras, todos sentem os mesmos obstaculos, e nenhum delles desentranha a verdade do seio das sombras, em que jaz perpetuamente envolta; Concidero a Sciencia Astronomica desde Thales até La-Place; nenhuma só verdade demonstrada. Os Seculos

tem produzido systemas; mas não tem produzido demonstrações. O motivo do movimento dos astros ainda ignora, e tanto me dizem as qualidades occultas de Aristoteles, os epicyclos de Ptolomeo, como as leis da gravitação inventadas por Newton: são chimeras os turbilhões de Descartes; tudo he sombra, enigma, e ignorancia. Do phenomeno mais patente he sempre a causa ignorada. D'onde procede o fluxo, e o refluxo? Como se accendem, e entretem os vulcões? Como se forma o raio? Qual a origem das fontes? Como se executa o phenomeno da geração animal? Qual he a causa da vegetação? Que cousa he esta terra, em que nos habitamos? Que revoluções tem sentido este Globo? Isto não sabe dizer a Philosophia, e he ser soberbo não se confessar ignorante. Tirai as palavras ao Philosopho, tirai-lhe o conhecimento da historia dos Systemas; em demonstrações fica igual ao rustico. Tal he o meu estado junto do tumulto. Eu sei o que os outros disserão; mas saber isto não he saber a verdade, e morro ignorante. Eu não sei dizer o que he huma estrella; eu não sei dizer o que he hum cometa; eu não conheço a essencia da luz; eu ignoro, que cousa seja o ar, como se forma o vento, como se propague o som; a natureza do fogo he hum mysterio, e todo este aparatoso theatro do Universo hum perfeito inigma indecifrável. Se contemplo as opiniões dos Philosophos a respeito do homem, ainda no imperio da Methaphisica, encontro mais densas sombras. A Ontologia, que parece dar mais facil accesso a verdade, tem em si huma escuridão espantosa. A definição dos termos *substancia*, e *espaço* tem dado lugar a funestissimos erros. Todo o systema de Spinoza aqui tem a sua origem; e bem analysados os systemas de Mallebranche, e Clarke coincidem com o mesmo Spinoza. A Psychologia offerece outra serie de enigmas inexplica-



veis, que produzirão o absurdo systema de Leibnitz, e Wolfio.

Eu parei, onde todos tem parado. Nada satisfaz do que diz Locke, do que diz Condilac, do que diz Kant sobre a origem das ideias. Entre tantos, e tão cegos labyrinthos não poderá o homem ao menos conhecer-se a si? Antes que meus olhos para sempre se fechem, antes que o pó, e o eterno esquecimento me envolva, quiz tentar conhecer-me a mim, e ver o que o homem só consigo pode saber, independente de tudo o que não seja seu discurso, e sua razão. Fechei pois todos os livros, esqueci-me de todos os systemas, entreguei-me á minha contemplação, entrei dentro em mim mesmo, e determinei fazer hum livro, que marque, e assignale os limites impreteriveis do saber humano. Devo dar conta de mim á Humanidade, antes que expire, analysando me, como se immediatamente sahisse agora das mãos da Natureza, e exercitando a faculdade de ente pensador. Deixo hum legado á Posteridade, e formo hum circulo á Philosophia, fóra do qual nunca se achará mais que opinião, e nunca a verdade. Vou mostrar em mim o que se pode saber sem a Revelação. Vejo, que he mui pouco, mas nada mais se sabe, nada mais se saberá. A douda, e soberba ignorancia deste seculo pede a Portugal hum livro Scientifico, e Portugal vai mostrar ao seculo das revoluções, e da superficialidade, que nenhum seculo até qui soube mais, do que elle lhe vai dar a saber. Fóra da Philosophia não há sciencia, há memoria. A sabedoria he conhecer-se o homem, e de tal maneira, que não haja, nem possa haver mais que conhecer. Theorias politicas, conhecimentos mathematicos de pura convenção, Historias das Nações, fluctuações medicas ou inuteis, ou perniciosas, ridiculos systemas de Moral, indigestas machinas de Jurisprudencia, não se podem chamar verdadeira sabe-

doria. Tudo isto he sempre vario, e sempre incerto, tudo isto fará o homem instruido, porem não o fará sabio, nem se poderá chamar Philosopho; se não aquelle, que com evidencia se conhecer. O primeiro passo para não ser impio he ser verdadeiro Philosopho.

Eu o sou, ao menos na vontade, e deixo á minha Patria neste livro hum legado precioso, cumprindo huma ordenação, que há tantos seculos fizeram os sabios. — Conhece-te a ti mesmo: fóra disto não há sciencia.

(Mac. T. Phil.)

Assim discorre quem há consumido largos annos no estudo da Philosophia, assim se convence da curtidade da rasão humana quem encanecce sobre os livros. Mas não succede o mesmo com certo dos nossos *jovens*, que muitas vezes ainda penugentos, e barbipontes já sabem tudo, e se apavonão da infallibilidade da sua rasão. Muitos asbios respeitaveis confissão, que as grandes verdades da Moral não vierão ao homem, se não pela Revelação; porém esses *jovens* riem-se de tal proposição, e dizem em tom cathgorico, e decisivo, que isso de Revelação he huma patranha, he huma chimera, engenho-so invento dos Padres, &c. &c., e fundados na *infallivel* auctoridade da Politica Natural do Barão d'Holbac, e de outros, Patriarcas da mesma estofa são linda, e garbosamente materialistas, e athêos, ou se ainda fazem o favor de admittir a existencia de Deos, nisto parão, e quando muito gabão-se de seguir a Religião natural, cousa, que ainda ninguém sabe o que he; por que são tantas as cabeças, quantas as Religiões naturaes.

Sem entrarmos em especulações, e exames subtilissimos sobre a força natural da rasão humana independente da Revelação, só os factos, e a experien-



cia nos podem levar ao conhecimento d'aquella por caminho seguro. Balthazar he pois entrar na questão do que pode a razão humana entregar a si só, destituida de todo extraordinario, consultando para isto os varios systemas formados por sabios, que viverão em seculos, e paizes illustrados pelas luzes da Revelação; por que em tal caso pode-se mui rasoavelmente suppor, que esta os instruiu em todas as verdades, e isto muitas vezes insensivelmente, e sem que elles de tal se convenção; por isso os systemas dos nossos Philosophos, nascidos, e educados no seio do Christianismo, e grandes panegyristas da Religião Natural, nada provão da força da razão humana em materia de Religião. O mesmo se pode dizer da Moral dos Philosophos pagãos, que escreverão depois da vinda de J. C.; por que bem a podião ter aprendido do Evangelho. O Doutor Campbell no seu excellent livro *da Necessidade da Revelação* assim se exprime a este respeito „ Para se julgar da verdadeira capacidade do entendimento humano, e até onde pode este chegar só por si em materia de Religião, cumpre consultar a generalidade da especie, e não o talento particularissimo d'alguns homens extraordinariamente favorecidos da natureza; por quanto ainda concedido, que tal, ou taes Philosophos neste seculo, n'aquella parte do mundo, em taes circunstancias, &c. poderião por hum feliz accaso remontar-se gradualmente até o conhecimento da existencia, e perfeições de Deos, da immortalidade d'alma, e d'outros pontos da Religião Natural, este phenomeno, que talvez nunca apparecesse, posto que possível, não deve servir de termo de comparação para se julgar da capacidade de to-

da a especie humana. „ De mais que despropositos, que absurdos em materia de Moral não proferirão ainda os mais famosos Philosophos d'antiguidade! Por isso dizia o proprio Socrates, „ Se Deos não se dignar de enviar-vos alguem para vos instruir da sua parte, não espereis conseguir jamais, que se reformem os costumes dos homens. „

Este sabio hum dos maiores penadores do Paganismo reconhecia assim a obscuridade, e insufficiencia da Religião Natural, entre tanto que abi qual quer joven, alias nascido, e criado no seio de huma Religião Revelada, diz em tom de Oraculo, que aquella he mais que sufficiente, e que esta he huma patranha Sacerdotal, &c. &c., e outras proposições lidas á pressa, ou tomadas d'orelha de Voltaire, Diderot, Holbac, e mais sucia Philosophante. Mas se se lhe pergunta o que he Religião, e o q' he natural, *hoc opus, hic labor est.* Declamações, palavras descosidas, e quando se vê mais apertado, já sabe dizer com ar d'importancia, que he preciso, que respeitemos as convicções huns dos outros. Sim, Senhores Jovens *desabusados*, eu respeito muito as convicções do meu proximo; mas o que muiitissimo duvido he, que a incredulidade de Suas Senhorias nasça de convicção propria, e que não sejam da classe d'aquelles, de quem proferia o Santo Rei Psalmista — *Dixit insipiens in corde suo, non est Deus.* O tollo disse em seu coração: não há Deos.